

8

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Trad.: Vinícius Nicastro Honesko. Editora Argos – Universidade do Oeste de Santa Catarina. 2009.

ARENDDT, Hannah. **Sobre a revolução**. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.

ARISTÓLES. **Política**. Brasília: UNB, 1985.

ARTAUD, Antonin. **Artaud Oeuvres**. Paris: Quarto Gallimard, 2006.

_____. “Correspondance avec Jacques Rivière”. In: **Oeuvres complètes**, v. I. Paris: Gallimard.

_____. **Eu, Antonin Artaud**. Trad.&Notas: Aníbal Fernandes. Lisboa: Hiena Editora, 1988.

_____. “Heliogabale”. In: **Oeuvres complètes**, v.VII ., Paris: Gallimard 1956.

_____. **Linguagem e vida**. Org.: J. Guinsburg, Silvia Fernandes Telesi e Antonio Mercado Neto. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **Oeuvres Complètes**. Paris: GALLIMARD, 1976.

_____. **O teatro e seu duplo**. Trad.: Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Os escritos de Antonin Artaud**. Trad.& Sel.: Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda., 1983.

_____. **Os Tarahumaras**. Lisboa; Relógio D'água. 1985.

_____. “Surrealismo e revolução”. In: WILLER, Cláudio. **Escritos de AntoninArtaud**. Coleção Rebeldes& Malditos - v. 5. Porto Alegre: L&PM, 1983.

BAECQUE, Antoine; BOUQUET, Stéphane; BURDEAU, Emmanuel. **Cinema 68**. Paris: Petite bibliothèque des Cahiers du cinema, 2008.

_____. **Histoire et cinéma**. Paris: Cahiers du Cinéma/ les petites Cahiers, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

BASUALDO, Carlos. **Tropicália: Uma revolução na cultura brasileira (1967-1972)** São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BENNINGTON, Geoffrey & DERRIDA, Jacques. **Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BENTES, Ivana. “Estética da violência no cinema”. In: **Interseções: Revista de Estudos interdisciplinares**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UERJ – Ano 5, n. 1 – 2003. Rio de Janeiro.

_____. “Terra de fome e sonho: o paraíso material de Glauber Rocha”. In: BENTES, Ivana. **Ressonâncias do Brasil**. Espanha: Fundación Santillana, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bentes-ivana-glauber-rocha.html>

BERTOLUCCI, Bernardo. **Antes da revolução**. Título original: *Prima della rivoluzione*. [filme/vídeo]. Direção e roteiro de Bernardo Bertolucci. Elenco: Francesco Barilli, Adriana Asti, Allen Midgette, Morando Morandini. Itália, 1964. Drama. Preto e branco. 115 min.

BLOCH, Olivier (sous la direction). **L’idée de révolution: quelle place lui faire au XXIe siècle?**. Paris: Publications de la Sorbonne, 2009.

BORDWELL, David. **The Cinema of Eisenstein**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2002.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta**: e outros textos. Edição preparada por David Lapoujade; organização da edição brasileira e revisão técnica Luiz B. L. Orlandi – São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. **Cinema 1**: A imagem-Movimento. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

_____. **Cinema 2**: A imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 1992.

_____. _____. Trad.: Eloísa de Araújo Ribeiro; revisão filosófica: Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. **Conversações**. Trad.: Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1998.

_____. _____. (1972-1990). Trad.: Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Crítica e clínica**. Trad.: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997/2006.

_____. **Diferença e repetição**. 1968. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

_____. **Foucault**. Paris: Minuit, 1986.

_____. **Logique du sens**. Paris: Minuit, 1969.

_____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva / USP, 1974/ 2000.

_____. **Nietzsche et la philosophie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1973.

_____. **Nietzsche e a filosofia**. Portugal: RÉS- Editora Ltda., s/d.

_____. **O que é a filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Qu'est-ce que la philosophie?**. Paris: Minuit, 1991.

_____. **Pour parler**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1997.

_____ ; GUATARRI, Felix. **Kafka**: por uma literaturamenor. Trad. Júlio Castanon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Coord. de trad.: Ana Lúcia de Oliveira. São paulo: Ed. 34, 1995.

_____. _____. v. 3. Coord. de trad.: Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. _____. v. 3. Trad.: de Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

_____. _____. v.4. Coord. da trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. _____. v. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2007.

_____. **Mille Plateaux – capitalismo e schizophrénie**. v. 2. Paris: Les éditions de Minuit, 1980.

_____. O Anti-Édipo. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995.

_____.; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

« Deleuze politique » – Dossier de la revue **Cités** 40, 2009 (Paris : PUF, 2010), coordonné et présenté par Charles Ramond.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz M.N. da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. **Artaud le Moma**: interjections d'appel. Paris: Galilée, 2002.

_____. **Espectros de Marx**. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____. **Mal de arquivo**. Trad. Cláudia de MoesRego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. **The ear of the other.** Autobiography, Transference, Translation. Tr. Peggy Kamuf, Ed. Christie McDonald, Univ. Nebraska Press, 1988.

DUQUE - ESTRADA, Paulo Cesar (org.). **Às margens.** Rio de Janeiro: Ed. PUC; São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Desconstrução e ética.** Rio de Janeiro: Ed. PUC; São Paulo: Loyola, 2002.

FERRAZ. João Grinspum. **Ordem e Revolução na República de Weimar.** Dissertação de Mestado - USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 4. ed. Trad. Luiz Felipe BaetaNeves. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. **A ordem do discurso.** 4. ed. Trad. Laura F. de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. / O pensamento do exterior. / O que é um autor? In: _____. **Ditos e escritos.** Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lúcia A. Ribeiro. Rio de Janeiro; Forense, 2003. v. 2, 3.

_____. **O cuidado de si.** 7. ed. Trad. Maria Theresa C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GODARD , Jean-Luc. **A chinesa.** Título original: *La chinoise*. [filme/vídeo]. Dirigido por Jean-Luc Godard. Roteiro: Jean-Luc Godard. Elenco: Anne Wiazemski, Jean-Pierre Léaud , Juliet Berto, Michel Semeniako, Lex De Bruijin, Omar Diop, Francis Jeanson. França, 1967. Drama. Longa-metragem. Colorido. 96 min.

GOMES, João Carlos Teixeira. **Glauber Rocha – esse vulcão.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo.** 6ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

HARDT, Michel & NEGRI, Antonio. **Império**. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2005.

KIFFER, Ana. **Antonin Artaud – Uma poética do pensamento**. Biblioteca Arquivo Teatral Francisco Pillado Mayor; La Coruña, Espanha, 2003.

_____. “Glauber Rocha et l’esthétique de la faim”. In: **Corps d’écriture – Corps politique: XVIIIe – XXIesiècle**. Org. par Évelyne Grossman et Yannick Séité (Paris 7 – UFR STD) avec le Collège International de Philosophie à l’Université Paris 7- Denis Diderot, 27 e 28 novembre 2003.

LAGE, André Silveira. **Artaud le Moma, de Jacques Derrida**. Disponível em: http://www.letas.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em%20Tese%2014/TEXT%202.pdf

LAYERLE, Sébastien. **Caméras en lute em Mai 68**. Paris: Nouveau Monde éditions, 2008.

MATOS, Olgaria C. F. **Paris 1968 – As barricadas do desejo**. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

NEGRI, Antonio. **Cinco lições sobre Império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **O Devoir Revolucionário e as criações políticas**: Uma entrevista com Gilles Deleuze, 1990. Trad.: João H. Costa Vargas Disponível em: http://www.4shared.com/file/143765077/282967a/GD_Negri_devoir_revolucionario.htm.

NIN, Anaïs. **Diários Íntimos**, v. 1 (1931/1934), 1966.

ORLANDI, E. P. **O que é lingüística?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Trad. Tomás Tadeu da Silva. BeloHorizonte: Autêntica, 2000.

PIERRE, Sylvie. **Glauber Rocha**. Paris: Cahiers du Cinéma – Collection “Auteurs”, 1987.

PIZZINI, Joel & ROCHA, Paloma. **Retrato da terra**. [filme/vídeo]. Dirigido e produzido por Joel Pizzini e Paloma Rocha. Editado por Danylo Furlani. São Paulo- Brasil, 2004. Documentário de montagem narrado em primeira pessoa pelo cineasta Glauber Rocha. Minidv – DVD, colorido. 50 min.

_____. **Anabazys**. [filme/vídeo]. Dirigido por Paloma Rocha e Joel Pizzini. Produção Executiva: Paloma Rocha. Direção de Produção: Tássia Milly. Direção de Produção: (Tempo Glauber): Sara Rocha. **Elenco:** Glauber Rocha (arquivo), Tarcísio Meira, Norma Bengell, Ana Maria Magalhães, Jece Valadão, Orlando Senna, Fernando Lemos. Brasil, 2007. Realização: Paloma Cinematográfica e Tempo Glauber. Co-Produção: Canal Brasil, CTA v/MINC e PóloFilme. Documentário. Colorido. 98 min.

REIS, Leonardo Abreu. “CÂNCER - Transcrição e comentários ao filme de Glauber”.

ROCHA, Glauber. **Cartas ao Mundo**. Org. Ivana Bentes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **O século do cinema**. Rio de Janeiro: Editora Alhambra, 1985.

_____. **Revisão crítica do cinema brasileiro**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

_____. **Revolução do cinema novo**. Rio de Janeiro: Alhambra/Embrafilme, 1981.

_____. **Roteiros do Terceiro Mundo**. Org.: Orlando Senna. Rio de Janeiro: Alhambra/Embrafilme, 1985.

_____. **Senhor dos Navegantes**. Salvador: Edições Macunaíma, 1987.

_____. **Câncer**. [filme/vídeo]. Direção de Glauber Rocha. Elenco: Odete Lara, Hugo Carvana, Antonio Pitanga. Rio de Janeiro-Brasil/Roma-Itália, 1972. **Produzido por** Mapa Filmes (Brasil), **Coprodutores:** Gianni Barcelloni, RAI - Radiotelevisione Italiana. Ficção, longa-metragem, 16 mm. Preto e Branco. 86 min.

_____. **Terra em transe.** [filme/vídeo]. Dirigido por Glauber Rocha. Assistentes de direção: Antônio Calmon, Moisés Kandler. Argumentista e roteirista: Glauber Rocha. Elenco: Jardel Filho, Paulo Autran, José Lewgoy, Glaube Rocha, Paulo Gracindo, Hugo Carvana, Danuza Leão. Rio de Janeiro – Brasil, 1967. Produzido por Mapa Filmes Difilm. Produtores associados: Luiz Carlos Barreto, Carlos Diegues, Raymundo Wanderley, Glauber Rocha. Ficção, longa-metragem, 35mm. Preto e Branco. 115 min.

_____. **A idade da terra.** [filme/vídeo]. Dirigido por Glauber Rocha. Assistentes de direção: Carlos Alberto Caetano, Tizuka Yamasaki. Produzido por Glauber Rocha. Diretores de produção: Tizuka Yamasaki, Walter Schilke. Elenco: Maurício do Valle, Jece Valadão, Antonio Pitanga, Tarcísio Meira, Geraldo D’EI Rey, Ana Maria Magalhães, Carlos Petrovicho, Norma Bengel, Mário Gusmão, Danuza Leão. Brasil, 1980. Embrafilme, CPC (Centro de Produção e Comunicação), Glauber Rocha Comunicações Artísticas, Filmes 3. Ficção, longa-metragem, 35mm. Colorido (Eastmancolor/ Cinemascope). 160 min.

SANTIAGO, Silviano (org.) **Glossário de Derrida.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____. **Viagem ao México.** Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda., 1995.

SHAKESPEARE, William. **Júlio César.** Trad.: Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, S/d.

SAUVAGNARGUES, Anne. **Deleuze et l’art.** Paris: Presses Universitaires de France, 3° tirage, 2009.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TENDLER, Sílvio. **Glauber, o filme – Labirinto do Brasil.** [filme/vídeo]. Dirigido por Sílvio Tandler. Roteiro: Sílvio Tandler. Elenco: Paulo César Saraceni, João Ubaldo Ribeiro. Brasil, 2003. Caliban Produções Cinematográficas. Documentário. Colorido. 98 min.

VASCONCELLOS, Jorge. **Deleuze e o cinema**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2006.

VIRMAUX, Alain et Odette. **Antonin Artaud – Qui êtes-vous?**. Lyon: La Manufacture, 1986.

ZAPPA, Regina. SOTO, Ernesto. **1968 – Eles só queriam mudar o mundo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

ZIZEK. Slavoj. **Organes sans corps – Deleuze et consequences**. Paris: Éditions Amsterdam, 2008.

ZOURABICHVILLI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Trad.: André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

9
Anexos



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA e SERVIÇOS INTERMEDIÁRIOS
DEPARTAMENTO FEDERAL DE PROSECUÇÃO PÚBLICA
Serviço de Censura de Diversões Públicas

fonte: ANDF

FICHA DE CENSURA

Nº 1

Título do filme: "TECCA EM TRANSE"

Diretor: GLAUBER ROCHA

Gênero:									
POLICIAL	<input type="checkbox"/>	WESTERN	<input type="checkbox"/>	COMÉDIA	<input type="checkbox"/>	TERROR	<input type="checkbox"/>	MUSICAL	<input type="checkbox"/>
FIÇÃO	<input type="checkbox"/>	DRAMA	<input checked="" type="checkbox"/>	CIENTÍFICO	<input type="checkbox"/>	DOCUMENTÁRIO	<input type="checkbox"/>	TV	<input type="checkbox"/>
ATUALIDADE	<input type="checkbox"/>	SERIADO	<input type="checkbox"/>	LEGENDO	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>

Metragem: _____ Nacionalidade: Brasileira

Sistema: SONORO, preto e branco, em 35 mm

Entrecho: (ANEXOS: 1 e 2)

Crítica artística: (EM ANEXOS: 1 e 2)

Apreciação técnica: O filme é tecnicamente perfeito no que concerne à fotografia. O som porém, deixa muito a desejar.

Apreciação moral: (EM ANEXOS 1 e 2)

Restrições: deverá ser submetido à comissões ligada à Direção Geral deste D.P.F. ou à Secretaria Nacional.

— NÃO LIBERADO —

Brasília, DF., _____ de _____ de 1967

[Assinatura]
Chefe Turma Cens. Cinematogr.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
 DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PORTARIA Nº 16/67-SCDP. Brasília, 19 de abril de 1967.

O Chefe do Serviço de Censura -
 de Diversões Públicas do Departamento de
 Polícia Federal, no uso das atribuições -
 que lhe confere o Art. 176 do Decreto nº
 56 510, de 28 de junho de 1965 e,

CONSIDERANDO o voto da maioria absoluta de censores federais que examinaram o filme nacional "Terra em Transe",

CONSIDERANDO o modo irreverente com que é retratada a relação da Igreja com o Estado;

CONSIDERANDO conter o mesmo mensagem ideológica contrária aos padrões de valores culturais coletivamente aceitos no País;

CONSIDERANDO ser a tônica do filme a prática de violências como fórmula de solução de problemas sociais;

CONSIDERANDO a sequência de libertinagem e práticas lésbicas inseridas no filme;

CONSIDERANDO que o mesmo infringe várias alíneas do Art. 41, do Decreto nº 20 493, de 24 de janeiro de 1946,

R E S O L V E:

I - Proibir a exibição, em todo o território nacional, do filme de Glauber Rocha, "TERRA EM TRANSE".

II - Determinar ao produtor mencionado no item anterior o recolhimento das restantes 9 (nove) cópias do filme em questão, na censura federal, ocasião em que será lavrado o completo auto de apreensão.

A. ROMERO LAGO
 Chefe do SCDP.

" TERRA EM TRANSE "

Num País inexistente a luta pelo Poder é tramada por diversos grupos de correntes e opiniões políticas diferentes. Os problemas sociais dão a tônica dos debates filosóficos, não faltando nessa luta, para uma caracterização melhor dos personagens o demagogo, o esquerdista, o direitista e o político sem escrúpulos. As teses nacionalistas são discutidas, pois a pequena Nação, governada despoticamente, é espoliada em suas riquezas por grupos estrangeiros. É o que se poderia chamar de retrato de uma república qualquer, subdesenvolvida: eis o tema central da película "Terra em Transe" do cineasta Glauber Rocha, ora submetida à Censura.

Poderíamos dizer que se trata de uma película de estilo surrealista, pois parte de uma atitude revolucionária em filosofia, cujo verdadeiro objetivo não consiste em interpretar o pequeno mundo de Eldorado, mas sim transformá-lo. E aqui, o Realizador usando a expressão estética que define o estilo, procura através da câmara, fazer uma denúncia sincera e autopunitiva de certos aspectos desprimorosos de uma sociedade, no caso a de Eldorado, cheia de erros e contradições, mostrados através dos problemas existenciais e espirituais dos seus personagens.

Mas o que vemos no decorrer da película, antes de tudo, é a marca da personalidade do autor que chega a um virtuosismo notado pelo exagero de algumas angulações ousadas, e dos simbolismos usados em determinadas tomadas e, até mesmo, da música inserida na trilha musical, que vai do popular ao clássico, como elemento estético auditivo. Por fim, a composição das linhas, a colocação dos planos e a iluminação dão o necessário decór psicológico ao filme, acentuado por vezes pelos trechos de música ambiental, extraída de páginas clássicas barrocas do século XVIII.

Partindo da ficção - Eldorado, Alecrim e todos os seus personagens são fantasiosos - Glauber Rocha consegue, por vezes, fazer do irreal uma ideia mais perfeita que o original. Contudo, o tema não agradará ao grande público pela sua complexidade e, mais ainda, pela montagem elíptica da narrativa. Trata-se de um filme destino a uma elite intelectualizada, pois sua construção, seu tema e sua forma de expressão cinematográfica é por demais carteziana, buscando algo abstrato para expressar uma problema político. A construção dos diálogos é também complexa, baseada em uma dialética socialista não muito bem definida, fugidia, que deixa perplexo o observador mais atento, que procura descobrir na semântica usada pelo Diretor a definição ideológica da película.

O filme está integrado na corrente nacional do chamado " cinema novo", que segundo os críticos, prima justamente por uma unidade dentro da diversificação estilística. As causas desse fenômeno, que é notado na película em questão, de Glauber Rocha, reside de modo especial na formação independente de cada realizador e na emulação inconsciente que existe no meio dessa corrente cinemanovista.

Pag 2/.

A obra, por se tratar de ficção, não tem conotação política, representando apenas uma idéia na qual, sem duvida, reside forte sentido filosófico. Mas, a sua interpretação para um público leigo é muito difícil, tendo em vista o abstracionismo de certas tomadas, e o simbolismo empregado como, por exemplo, a bandeira negra empunhada pelo déspota governante de Eldorado. Há outros aspectos interessantes de se analisar, mas que seriam longos ou enfadonhos enumerar.

Somos pela liberação do filme, com a impropriedade de 18 - dezoito anos, de vêz que, algumas tomadas como a festa libertina em que se vê envolvido o poeta Paulo Martins, o personagem central do entreecho, poderão causar forte impressão na mente em formação da juventude, de vêz que é impregnada de forte erotismo, sem contudo, abusar de cenas mais fortes, cuidado esse observado pelo Realizador, que deixa ao espectador, através da imaginação, completar o quadro ali impresso.

É esse o nosso Parecer

Brasília, 13 de Abril de 1967

1964-1967

JOSE VIEIRA MADEIRA

Censor Federal N. 18-B

Mat. 2.095.858



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO DPF NO RIO DE JANEIRO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - RJ

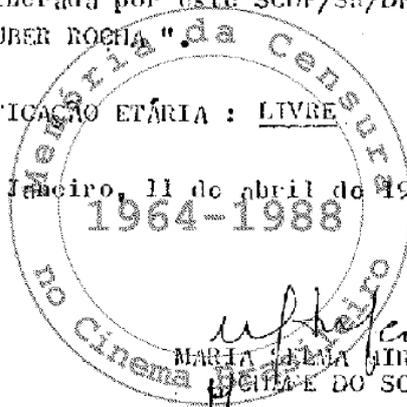
A U T O R I Z A Ç Ã O E S P E C I A L N º 112



A presente autorização substitui o Certificado de Censura relativo ao filme intitulado " 1968 " de GLAUBER ROCHA COM. ARTISTICAS LTDA, distribuida pela EMBRAFILME S/A, conforme CERTIFICADO/GUIA nº.. 01161 de 12.03.85, liberada por este SCDP/SR/DPF/RJ e válida para exibição na " AMOSTRA GLAUBER ROCHA " da

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA : LIVRE

Rio de Janeiro, 11 de abril de 1985



Maria Selma Miranda Chaves
 MARIA SELMA MIRANDA CHAVES
 CHEFE DO SCDP/SR/RJ

LC.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 2150 / 86

TÍTULO: "1968" ✓

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Livre

35mm/P&B/LM/PRODUÇÃO NACIONAL

Director : Glauber Rocha ✓

Produtor: Não consta da película

Trata-se de um documentário, mudo, que registra vários momentos de uma passeata, ocorrida em 1968, com tendo reivindicações explícitas em faixas - "Obaixo a Ditadura", "Reforma Universitária", "Liberdade aos Presos", "..... - Tanques", etc. - além de enfocar aglomerações em praça pública, ouvindo discurso.

Por estar isento de implicações censórias, manifestamos no sentido de 1964-1988 a liberação com a chancela Livre e visto de "Livre p/ Exportação".

Brasília, 07 de julho de 1986

Maria das Graças S. Ribeiro
Maria das Graças S. Ribeiro
CNF. 2. 415. 800

Odilio Cirillo Palhares
Odilio Cirillo Palhares
Técnico de Censura
Mat. 2.415.804

Odilio Cirillo Palhares
Odilio Cirillo Palhares

Mat. 2.416.672

Carta aos Reitores das Universidades Européias

Antonin Artaud

Senhor Reitor

Na estreita cisterna que chamais "Pensamento" os raios do espírito apodrecem como montes de palha.

Basta de jogos de palavras, de artifícios de sintaxe, de malabarismos formais; precisamos encontrar – agora – a grande Lei do coração, a Lei que não seja uma Lei, uma prisão, senão um guia para o espírito perdido em seu próprio labirinto. Além daquilo que a ciência jamais poderá alcançar, ali onde os raios da razão se quebram contra as nuvens, esse labirinto existe, núcleo para o qual convergem todas as forças do ser, as últimas nervuras do Espírito. Nesse dédalo de muralhas movediças e sempre transladadas, fora de todas as formas conhecidas de pensamento, nosso Espírito se agita, espreitando seus mais secretos e espontâneos movimentos, esses que tem um caráter de revelação, esse ar de vindo de outras partes, de caído do céu.

Porém a raça dos profetas está extinta. A Europa se cristaliza, se mumifica lentamente dentro das ataduras de suas fronteiras, de suas fábricas, de seus tribunais, de suas Universidades. O Espírito "gelado" range entre as lâminas minerais que o oprimem. E a culpa é de vossos sistemas embolorados, de vossa lógica de dois-e-dois-são-quatro; a culpa é vossa, Reitores, apanhados na rede dos silogismos. Fabricais engenheiros, magistrados, médicos a quem escapam os verdadeiros mistérios do corpo, as leis cósmicas do ser; falsos sábios, cegos para o além, filósofos que pretendem reconstruir o espírito. O menor ato de criação espontânea constitui um mundo mais complexo e mais revelador que qualquer sistema metafísico.

Deixai-nos, pois, Senhores; sois tão somente usurpadores. Com que direito pretendeis canalizar a inteligência e dar diplomas de Espírito?

Nada sabeis do Espírito, ignorais suas mais ocultas e essências ramificações, essas pegadas fósseis, tão próximas de nossas próprias origens, esses rastros que às vezes logramos localizar nos jazigos mais escuros de nosso cérebro.

Em nome de vossa própria lógica, vos dizemos: a vida empesta, senhores. Contemplai por um instante vossos rostos, e considerai vossos produtos. Através das peneiras de vossos diplomas, passa uma juventude cansada, perdida. Sois a praga de um mundo, Senhores, e boa sorte para esse mundo, mas que pelo menos não se acredite à testa da humanidade.

ARTAUD, Antonin. *Carta aos Poderes*. Lisboa: Editorial Vila Marca.

AUTOCRÍTICA DE UM CONDENADO DA TERRA

Por Glauber Rocha - Texto original em francês, traduzido por Anita Leandro

I. José Martí, Che Guevara, Frantz Fanon são intelectuais revolucionários do terceiro mundo. Os condenados da terra explodem depois do proletariado em 1917. A Rússia destruiu Napoleão, o czarismo, o capitalismo, Hitler. Depois da desagregação do império inglês, Fidel apareceu para destruir o imperialismo norte-americano. Fidel, o homem mais poderoso do mundo (força, beleza, inteligência, cultura, erotismo, o destruidor de Hollywood / CIA, comedor de mitos da *lost generation* etc / um homem mais que Errol Flynn / Hemingway / John Wayne / Fidel Castro e Che Guevara contra John, Bob e Teddy Kennedy, etc.) não recebeu lições de Marxismo, Leninismo, Trotskismo, Stalinismo, Maoísmo, etc. Fidel, absolutamente liberado, faz sempre sua autocrítica comunizando seu mito com o povo. Ele não é um Deus. O povo Cubano o chama amorosamente El Caballo. Ele é a violência e o amor. Os dois maiores escritores hispano-americanos são José Martí e Alejo Carpentier. “O Século das Luzes”. Cuba entra na guerra de Angola com a liberdade revolucionária tri-continental. Che Guevara, dividido entre o Cristo Selvagem e o Marx / Engels / Trotsky, não morreu num foco na Bolívia.

A Cultura Terceiro- Mundista explode nos anos 60. Os intelectuais burgueses mais velhos tremem diante da Revolução Cubana. As novas gerações são os filhos de Fidel / de Che / De Sartre, que escreveu “L'Ouragan sur Cuba” sem ter entendido Martí e Carpentier.

Fidel e Che se tornaram objetos da crítica materialista européia e vários intelectuais de vanguarda se deslocam para tentar decifrar a nova mitologia tropical. Guerras de independência, Tupac Amaru, Simon Bolívar, Toussaint Louverture, Revolução Mexicana, A Coluna Prestes, Golpes, Guerrilhas, intervenções – Fidel e Che entram no bordel tropicalista num iate com alguns companheiros e fazem uma revolução Socialista – intervenções, Fidel e Che entram no saloon tropicalista e fazem uma revolução socialista diante do Pentágono. O filósofo é um profeta, Lênin pôs em prática o sujeito de Marx / Engels. MAO - Deus oriental, reconhece o materialismo marxista-leninista. Também Fidel, que não era previsto por Lênin. O materialismo super o tribalismo.

Angola demonstra que a razão está com Frantz Fanon e não com Jacques Lacan. O colonizador é cada vez mais aterrorizado pela metralhização dos Condenados da Terra. Loin du Vietnam.

O Mundo não acabará com o apocalipse atômico. Angola paga o mesmo preço que o Haiti, último QUILOMBO, mercado de escravos. O presidente do Brasil, Ernesto Geisel, reconheceu o MPLA.

II. - Fernando Pessoa era um poeta português de quatro cabeças. Fascista e revolucionário. Dom Sebastião e Luiz de Camões. Portugal descobriu o Brasil, o país mais belo, mais rico da terra, o underground dos ESTADOS UNIDOS. Eu sou baiano, meu povo veio de Angola e na Bahia eles criaram a dança guerreira Capoeira de Angola, mas existem também os galos guerreiros de Angola e etc. “*O Leão de 7 Cabeças*”, 1970, rodado no Congo, Brazzaville, e “*Cabeças Cortadas*”, 1970, rodado em Barcelona, e *Claro*, 1975, rodado em Roma: o cineasta colonizado destrói o núcleo do cinema colonizador, esquerdista, pequeno-burguês, mesquinho, ilusionista, fascista, machista, oportunista, capitalista da nouvelle vague de GAULLE: Jean-Luc Godard.

EU VOMITO GODARD NA CAMA DE LANGLOIS E MARIE MERSON.

Jean-Louis Comolli projeta seu sonho anarquista no Brasil do Cinema Novo, mas ele filma o Maio de 68 na Roma retrô. O filme é lançado com a opinião favorável da crítica. O desmazelo de *Cahiers du Cinéma*, os filhos da nouvelle vague são Edoardo de Gregorio, André Techiné, Comolli (Garrel off). Regressão. Nenhum grande cineasta francês está no PCF. Godard, depois do maoísmo dziga-vertovista, virou pesquisador. Agora ele tem uma câmera de vários olhos da CIA. Nós não precisamos disso. O Cinema Novo veio para destruir Hollywood e a Nouvelle Vague. Godard disse várias vezes que a Mosfilm e Hollywood eram a mesma coisa. Depois da existencialista Karina, a materialista Wiazemsky. E o anar-mao Gorin. Depois de *Número 2*, o funeral da Nouvelle Vague. Pier Paolo Pasolini disse: eu exploro o cu do sub-proletariado masculino. Eu fui morto por isso! A Nouvelle Vague explora as mulheres. Paris é o maior bordel do mundo. A prostituição audiovisual. CU e POLÍTICA, eis aí a última questão dos intelectuais colonizadores que controlam o poder cinematográfico. Godard, surpreendido por Solanas, tentou comer o Cinema Novo dizendo (com o grupo Dziga Vertov): Glauber Rocha é um cineasta progressista. Ele disse também que o cinema cubano era imperialista. Em 1969, Godard vem me ver na casa de Gorin e me diz, como se ele fosse o chefe de uma revolução (ele dava uma de Trotzky traído): é preciso destruir o cinema!! É, Jean-Luc, é preciso destruir o Cinema Novo.

TERRA EM TRANSE tinha sido rodado em 1966, antes de Régis Debray. Desde a primeira leitura, eu achava “*La Révolution dans larévolution*” um livro provocador e dogmático, colonizador, Victor Hugo se fazendo passar por filho de André Malraux.

O Cinema Novo, o Cine Solanas / Gettino / Cine Cubano / Cine Allende / Cine Torre / Cine Mexicano / Cine Afro-árabe. O cinema é a principal arma ilusionista do colonizador. O poder infinito desse meio de materialização dialética da História (Eisenstein) é a luz do Terceiro Mundo. CORISCO É CHE GUEVARA!! ANTÔNIO DAS MORTES É FIDEL CASTRO. PAULO MARTINS É CHE GUEVARA, FIDEL CORTA AS 7 CABEÇAS DO LEÃO IMPERIALISTA EM

PORTUGAL, ESPANHA, ANGOLA.... Críticos franceses já trataram “*Claro*” de “filme imprecatório...” “...cometido em Roma...” etc.

III – Nenhum crítico europeu tomou conhecimento da situação política do Brasil. Os antropólogos estruturalistas têm medo da tradição antropofágica brasileira.

Lévi Strauss chama seu livro de “Os Tristes Trópicos”. Ele sim, é um homem triste. Não os tropicalistas. Não Oswald de Andrade. Alguns críticos se tornaram especialistas em Cinema Terceiromundista. Depois do Brasil, Chile, Argentina, Peru, México, a História sempre contra as teorias revolucionárias da esquerda colonizadora.

Árabes, asiáticos, africanos, são os condenados da terra. O colonizado, lembra Fanon, quer sempre estar no lugar do colonizador. A cultura produzida pelo colonizador não tem nenhuma utilidade para o colonizado. O esfomeado fala uma outra linguagem. Eisenstein foi comido no México. Artaud, Trotzky, o Eldorado não existe. Tragédia. O colonizado não mostrará ao colonizador a rota do Eldorado. Há séculos o colonizador tortura, mata, procura a via. Lévi Strauss passou a metade da vida lá, mas ele não teve a coragem de deixar ser comido. A Academia Colonizadora é mais confortável. A França é um país pobre disfarçado com belezas notórias e um erotismo sexy-tradicional . É um país pobre, sem colônias, desemprego, imperialismo em crise, o terceiro mundo está no Champs Elysées.

A Revolução virá da Itália, a Renascença, porque a Itália é a cabeça do Terceiro Mundo, que come os bárbaros europeus. O imperialismo reflete diante dos condenados da terra. É por isso que a terra não será destruída pela bomba atômica, porque o materialismo é criador. Humanista.

Depois da Angola, haverá outras guerras coloniais mas a desagregação imperialista será mais rápida e nem a União Soviética, nem a China, nem os Estados Unidos não quererão mais Guerras.

IV – Diante de uma situação onde os homens começam a compreender que a violência não é um método humanista, é preciso ser otimista. O planeta é pequeno, pobre, ainda subdesenvolvido, os processos revolucionários são contraditórios, fim de século, morte da barbárie, nascimento da civilização.

GLAUBER ROCHA

107.963

CINEMA

35-COLORIDO

A IDADE DA TERRA

A IDADE DA TERRA

GLAUBER ROCHA

17 OUTUBRO 85

17 DEZEMBRO 89

16 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

Jose V. Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA

107.963

17 10 85

=
4.343

A IDADE DA TERRA

1964-1988

COLORIDO



GLAUBER ROCHA COM. ARTÍSTICAS

' BRASIL '

EMBRAFILME S/A.

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. LIVRE PARA EXPORTAÇÃO.

RECEBEMOS 01 CERTIFICADOS
Em, 03 / 12 / 80
(Signature)

17 DEZEMBRO 80

EA

Arésio Teixeira Peixoto
ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

fonte: AN/DF

PARECER Nº 50487/80

TÍTULO: A Idade da Terra

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos

35 mm - LM - a cores

Conteúdo

Tentativa de abordagem de aspectos da cultura brasileira, marcadamente mística, bem como angulações da problemática sócio-político-econômica do bloco do terceiro mundo, dentro do contexto mundial. Na narração fílmica, questiona também a existência de Deus.

Apreciação

Enfoques alegóricos de práticas de sexo com personagens nus — mulheres e posteriormente um negro, com o sexo à mostra — as discussões e posicionamentos políticos dúbios, contendo análise ambígua da conjuntura brasileira atual, motivam a restrição etária elevada, por serem passíveis de confundir valores do espectador em fase de formação intelectual. Como aspectos positivos ressaltaríamos a contestação à violência, à beligerância entre os povos, a bomba e contra os preconceitos étnicos.

Conclusão

Pelos motivos acima indicados, os signatários opinam pela liberação da obra examinada, para maiores.

Brasília, 10 de outubro 1980.

[Assinatura]

[Assinatura]
Coriolano de L.C. Fagundes
TC - Mat.: 2 095 823



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 5049 180

TÍTULO: A IDADE DA TERRA.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS.

L.M, 35 mm, Cor, Filme de Arte.

Glauber Rocha, o diretor, à partir de uma amostra-
gem Terceiro-Mundista, trabalha sobre toda uma realidade de
estruturação social, econômica, política e cultural, que se
verifica praticamente desde os primórdios até o presente e
de modo universal, no qual divide-se o mundo de forma dualis-
ta entre a opulência e a carência, entre ricos e pobres, nor-
te e sul, desenvolvidos e sub, metrópole e colônias, entre
industrializados e quintais do mundo.

A obra enfoca os quatro grandes estamentos da estru-
tura da pirâmide social do mundo, através de personagens r-
signos, ou sejam: o povão ou bagaceira, alienado e gadifica-
do, o sistema, a elite intelectual censora do "stablishment"
, e a Fé religiosa, lenitivo do coração e da alma da rude ple-
be.

Tal como Júlio Bressane in O Gigante da América, -/
Glauber Rocha constrói todo um universo cinematográfico por/
uma linguagem simbólica, surreal, sublimada, sem contudo ex-
trapolar, fugindo dentro desta narrativa, o comum, fora dos/
comportados padrões convencionais da cinematografia, onde há
de se perceber que cada diálogo, imagem ou sequência, aparen-
tamente ilógicos, procede em sua significância e razão de ser.

A Idade da Terra, traz uma determinada sequência de/
alegoria sexual, que reveste-se de arte e despe-se de um sen-
tido erótico, grotesco ou pornográfico, como também em uma -/
outra sequência o personagem masculino apresenta-se em nú,-/
sem contudo haver o menor resquício de licenciosidade, erotis-
mo ou pornográfico, no qual ocorre dentro de uma atmosfera de
um naturalismo, puro, indígena, tal como ocorrera na obra de "
Como Era Gostoso o Meu Francês".

fonte: AN/DF

Conclusão: Não obstante a parte interessada haver solicitado classificação com a imprópriedade para maiores de 14 ANOS, e ce à tudo exposto e considerando que o presente título coloca a um nível de filme de arte, antológico, que observa toda uma aliãde à partir de ângulos de uma ótica histórica, sociológica, antropológica e cultural, e entendemos que uma obra, em sua m sagem se faz de modo mais degenerativo e deformante, no que t ge à uma confusão de valores, na área de moral e costumes, o não é o caso; e que a presente obra não gerará confusão de va res político, pois esta identifica-se com a própria realidade mundial, registrada na imprensa escrita e televisiva diária; do-se em vista a linguagem complexa, difusa, metafórica e de -ta maneira hermética, somado-se ao veículo 35 mm, por si só tritivo, e há um mínimo nível de compreensão exigido para a telecção da obra, inclina-nos à indicar a LIBERAÇÃO, na ínteg do trabalho "A Idade da Terra", sob a direção de Glauber Roch para um público espectador maior de 16 (Dezesseis) ANOS, de ad do com a Legislação Censória em vigor.



Brasília, DF, 10 de Outubro de 1980.

L. d. /
 Joan Batista Machado
 Técnico de Censura
 Mat. 2.417.184